

A psicologia no  
**Brasil:**  
Teoria e pesquisa

2

Ezequiel Martins Ferreira  
(Organizador)



 **Atena**  
Editora  
Ano 2022

# A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa

Ezequiel Martins Ferreira  
(Organizador)

2



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## A psicologia no Brasil: teoria e pesquisa 2

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Ezequiel Martins Ferreira

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 A psicologia no Brasil: teoria e pesquisa 2 / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-967-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.674220702>

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A coletânea *A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa*, reúne neste volume dezoito artigos que abordam algumas das possibilidades metodológicas do saber psicológico.

A Psicologia enquanto campo teórico-metodológico traz em suas raízes tanto a especulação filosófica sobre a consciência, a investigação psicanalítica do inconsciente, quanto a prática dos efeitos terapêuticos da medicina e em especial da fisiologia.

E, desse ponto de partida se expande a uma infinidade de novas abordagens da consciência humana, creditando ou não algum poder para o inconsciente como plano de fundo.

A presente coletânea trata de algumas dessas abordagens em suas elaborações mais atuais como podemos ver nos primeiros capítulos em que se tratam do inconsciente em suas relações com os corpos, as contribuições socioeducativas entre outros olhares para o que é abarcado pelo psiquismo humano.

Em seguida temos alguns temas situacionais de nossa realidade imediata quanto aos efeitos psicológicos do isolamento social e o medo da morte.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira



## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

CARNAVALIZAÇÃO BAKHTINIANA E “O AUTO DA COMPADECIDA”: A COMICIDADE COMO DENÚNCIA SOCIAL E RESISTÊNCIA POLÍTICA

Larissa de Souza Ferraz

Alice Oliveira Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207021>

### **CAPÍTULO 2..... 14**


FEMINISMO DECOLONIAL: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA NA BASE DE DADOS SCOPUS

Lucas da Costa Souza

Milena Rafaela Souza Silva

Carla Gabrielle Galvão Melo

Eleci Teresinha Dias da Silva


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207022>

### **CAPÍTULO 3..... 26**

RESGATAR E TRANSFORMAR: UM GRITO DE SOLTURA QUE ECOA NO BRASIL

Alanna Beatriz de Paula Alves

Juliana Santos Graciani

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207023>

### **CAPÍTULO 4..... 35**

NECROPOLÍTICA NO ESTADO BRASILEIRO: QUEM DEVE VIVER?

Maíry Aparecida Pereira Soares Ribeiro


Ondina Pena Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207024>

### **CAPÍTULO 5..... 42**

O DIREITO A RESPIRAR DA POPULAÇÃO BRASILEIRA


Hugo Gabriel de Souza Vaz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207025>

### **CAPÍTULO 6..... 50**

A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: REFLEXOS DA PANDEMIA

Alessandra Chaves da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207026>


### **CAPÍTULO 7..... 62**

IMPACTOS DA PANDEMIA NA SAÚDE EMOCIONAL DE UNIVERSITÁRIOS DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRA

Emily Lemes Moisés

Maura Fernandes Sernichiario


Fernando Faleiros de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207027>

**CAPÍTULO 8..... 74**

ADOLESCÊNCIA E VIVÊNCIA DO VAZIO EXISTENCIAL EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

Anna Julia Fontana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207028>


**CAPÍTULO 9..... 89**

AS INTERVENÇÕES SOCIAIS EXTERNAS AO QUILOMBO E O IMPACTO DESTA NA AUTOESTIMA DA MULHER AFRODESCENDENTE

Mariane Rodrigues Duarte

Fabricao Malaquias Pereira

Gabriela Buchli


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207029>

**CAPÍTULO 10..... 111**

LAZER COM REFUGIADOS NA CIDADE DE SÃO PAULO (SOCIALIZAÇÃO EM UMA NOVA ETAPA DA VIDA)

Bárbara Cardoso da Costa Santos


Madalena Pedroso Aulicino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070210>

**CAPÍTULO 11..... 122**

ENVELHE (SENDO) EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS

Nathália dos Santos Dutra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070211>

**CAPÍTULO 12..... 138**

PRÁTICAS DE REINTEGRAÇÃO SOCIAL NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Marcos Alexandre Alves

Josiane Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070212>

**CAPÍTULO 13..... 151**

MOVIMENTOS E COLETIVOS DA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE ENQUANTO AGENTES DE TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

Bianca Rocha Fiuza Sátiro

Maria Vanessa de Souza Araújo

Nara Raysa de Souza

André de Lima Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070213>


**CAPÍTULO 14..... 156**

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE POLICIAIS MILITARES: REFLEXÕES

## PSICOSSOCIAIS A PARTIR DE CONTEXTOS EDUCACIONAIS E DE TRABALHO

Maria de Fátima Quintal de Freitas

Dênis Wellington Viana


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070214>

### **CAPÍTULO 15..... 174**

#### ITINERÁRIOS DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E A FAMÍLIA DE USUÁRIOS DE UM CAPS DE BELÉM: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA

Renata Raiol Magalhães

Lucivaldo da Silva Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070215>

### **CAPÍTULO 16..... 185**

#### ANÁLISE DA PERSONALIDADE DE UMA EQUIPE DE CONTABILIDADE: UM ESTUDO PELO TESTE PALOGRÁFICO

Camila Espíndula da Silva

Bianca De Bem Lucas

Edinara Bellini Taetti

Josemara dos Santos Rodrigues


Suélen Rocha Centena Pizarro

Andreia Quadros Rosa

Lenise Alvares Collares

Stefânia Martins Teixeira Torma

Suzana Catanio dos Santos Nardi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070216>

### **CAPÍTULO 17..... 196**

#### EPIDEMIOLOGIA OU INDÚSTRIA DE AUTISMO? ANÁLISE DOS EFEITOS PROVOCADOS PELA MUDANÇA NO DSM-V E A BUSCA DE PRÁTICAS TERAPÊUTICAS PARA A “CURA DO AUTISMO”

Alcione do Socorro Andrade Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070217>


### **CAPÍTULO 18..... 208**

#### O QUE PREDIZ O ENVOLVIMENTO PARENTAL NAS ATIVIDADES ESCOLARES?

Myrian Machado de Paula Silveira

Vinícius Junio Goes da Silva

Leonardo Vasconcellos Munayer

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070218>

### **SOBRE O ORGANIZADOR..... 216**

### **ÍNDICE REMISSIVO..... 217**

# CAPÍTULO 1

## CARNAVALIZAÇÃO BAKHTINIANA E “O AUTO DA COMPADECIDA”: A COMICIDADE COMO DENÚNCIA SOCIAL E RESISTÊNCIA POLÍTICA

*Data de aceite: 01/02/2022*

*Data de submissão: 06/11/2021*

**Larissa de Souza Ferraz**

Universidade Federal de Pernambuco,  
Departamento de Psicologia  
Recife- PE  
<http://lattes.cnpq.br/7950023165098960>

**Alice Oliveira Ferreira**

Universidade Federal de Pernambuco,  
Departamento de Psicologia  
Recife- PE  
<http://lattes.cnpq.br/5348217861318317>

**RESUMO:** O presente trabalho foi construído a partir do entendimento da arte enquanto instrumento criativo potente para perspectivar a realidade e ampliar as formas de compreensão sobre a mesma, podendo assim se configurar enquanto ferramenta de discurso interligada às vivências presentes no contexto sócio-político de um determinado grupo social. Dentro dessa concepção, o filme “O Auto da Compadecida” surge enquanto uma obra cinematográfica nacional que se serve da comicidade para manifestar as problemáticas sociais presentes nas regiões interioranas do Nordeste. Partindo dessa perspectiva, esse estudo pretende realizar um exercício de aproximação entre o conceito de carnavalização discutido por Mikhail Bakhtin e a película “O Auto da Compadecida” dirigido por Guel Arraes, inspirado na obra do autor Ariano Suassuna, escrita em 1955. Bakhtin se

utiliza das manifestações presente no carnaval medieval e renascentistas no intuito de transpor os elementos carnavalesco para a literatura - elaborando assim o conceito de carnavalização-, trazendo assim a satirização como forma de tensionar as estruturas responsáveis por sustentar as desigualdades sociais. Construímos a discussão relacionando a carnavalização literária com a narrativa do filme, acompanhando o desdobrar da história de João Grilo e Chicó, a qual se utiliza de elementos cômicos como forma de trazer à tona as dificuldades enfrentadas no interior nordestino. Diante disso, temos os objetivos de identificar e analisar as denúncias sociais expostas na narrativa dos personagens centrais, bem como compreender a reelaboração do sofrimento através da comicidade. Para tal, utilizamos o método da Análise Crítica de Discurso (ACD) com o intuito de trazer à tona as problemáticas sócio-políticas presentes no contexto do interior nordestino expostas na película. Ao nos debruçarmos sobre a narrativa, foi evidenciada a sua potencialidade em perspectivar as vivências dentro dessa realidade social, trabalhando tais problemáticas de maneira a ampliar o reconhecimento e legitimação dessas demandas sociais no cinema nacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Carnavalização, Auto da Compadecida, Comicidade, Resistência Política.

**BAKHTIN'S THEORY OF CARNIVAL AND “O AUTO DA COMPADECIDA”: HUMOUR AS A WAY OF SOCIAL PROTEST AND POLITICAL RESISTANCE**

**ABSTRACT:** This study was built upon the

understanding of art as a powerful instrument to explore perspectives of reality and expand one's ways of understanding it, thus being able to establish itself as a tool for discourse connected to the experiences present in the socio-political context of a given social group. Within this concept, the film "O Auto da Compadecida" appears as a Brazilian cinematographic work that uses humour to express the social issues present in the countryside of the Brazilian northeast. From this perspective, this study intends to carry out an exercise of approximation between the concept of carnivalization discussed by Mikhail Bakhtin and the film "O Auto da Compadecida" directed by Guel Arraes, inspired by the work written by Ariano Suassuna in 1955. Bakhtin is inspired by the manifestations present in the carnivals from the Renaissance and medieval times in order to transpose the carnivalesque elements to literature - thus elaborating the concept of carnivalization -, and bringing satirization as a way of tensioning the structures responsible for sustaining social inequalities. We structure the discussion relating literary carnivalization with the narrative of the film, which uses comic elements as a way to bring to light the difficulties faced in the northeastern countryside. Therefore, we have the objectives of identifying and analyzing the social denunciations exposed in the narrative, as well as understanding the re-elaboration of suffering through humour. For this, we used the method of Critical Discourse Analysis (CDA) in order to establish the socio-political issues present in rural northeast Brazil exposed in the film. As we look at the narrative, it becomes evident its potential for putting experiences within this reality into perspective while articulating with the issues at hand in such a way that allows for broader recognition of these social demands in the national cinematographic scene.

**KEYWORDS:** Carnival, Auto da Compadecida, Humour, Political Resistance.

## 1 | ARTE, COMÉDIA E POLÍTICA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Partindo do entendimento da arte enquanto instrumento criativo potente no que concerne à possibilidade de expandir a compreensão da realidade, o presente trabalho se estrutura a partir do interesse em realizar uma aproximação crítica em torno do cinema nacional e a sua capacidade de trazer à tona as vivências presentes no contexto sócio-político que demarcam os diferentes grupos sociais que compõem a população brasileira. Dessa forma, a arte se insere nesse trabalho enquanto ferramenta de atuação política, na medida em que compreendemos que esta relação se dá não apenas como forma de representação ou reprodução do sistema social, mas também como uma possibilidade de tensionamento, reelaboração de sentidos e transformação social, entendendo que a arte se estrutura a partir dos elementos materiais que compõem a cultura e o percurso histórico no contexto dentro do qual se insere (CANCLINI, 1982).

Congruente a isto, o filósofo russo Mikhail Bakhtin desenvolve sua discussão estética a partir da compreensão desta enquanto elemento que se constrói inerente e embebida na cultura e história de um determinado contexto (FARACO, 2011). O autor se pauta em uma análise materialista para compreender como os elementos estéticos presentes em um determinado espaço trazem à tona as diferentes dinâmicas e relações que permeiam um determinado contexto, destacando o atravessamento político que demarca

principalmente as artes. Dentro dessa perspectiva, uma das discussões desenvolvidos por Bakhtin se entrelaça com a materialização do carnaval medieval e os elementos satíricos - carnavalescos - que são transpostos para a construção literária, pautando assim o conceito de carnavalização, que será posteriormente aprofundado ao longo deste trabalho.

Visto isso, ao nos debruçarmos sobre as diferentes realidades que se fazem presentes em território nacional, optamos por realizar uma discussão em torno das vivências que nos afetam enquanto atuantes dentro da Psicologia, pensando acerca do nosso compromisso social e político diante de questões singulares e coletivas, tendo também em vista que tanto a produção acadêmica, quanto a produção artística, não se desvinculam dos nossos afetos, guiando nossas percepções e compreensões de mundo. Ademais, destacamos nosso interesse em trazer à tona as demarcações culturais que nos atravessam enquanto mulheres nordestinas, pensando em uma teoria e prática que se dá de maneira contextualizada e aproximada das vivências que constroem os nossos entornos.

Ao partir das questões supracitadas, elegemos o filme “O Auto da Compadecida” como material de análise para o vigente trabalho, percebendo na obra a sua potencialidade em abordar de forma crítica temáticas sociais pertinentes que perpassam a realidade do interior nordestino, ao mesmo tempo em que se utiliza da comicidade não apenas como forma de entretenimento, mas também como ferramenta de denúncia política e social. Vale também destacar o alcance massivo da obra e o seu grande impacto no cinema brasileiro, oportunizando assim expandir o reconhecimento das problemáticas que se manifestam no interior nordestino para o grande público à nível nacional, apontando para a complexidade das questões que estruturam as vivências do grupo social em questão, ao mesmo tempo em que traz uma nova maneira de olhar para essa realidade sem perder as possibilidades evidenciadas nas formas de existir e resistir às condições impostas.

Ao tratar da tragicidade das mazelas sociais que atravessam esse contexto de maneira cômica, a película se alinha com a compreensão de que a ironia, o riso e a comicidade podem ser poderosos dispositivos tanto para a crítica social mordaz, quanto para escapar das angústias da vida humana (DAL-SASSO, 2008). Seja como for, o riso e o cômico nos possibilitam enxergar a realidade através de uma perspectiva irreverente que coloca em xeque o mundo ao nosso redor e nosso lugar dentro dele. Com isso, é possível descortinar o que existe por trás das aparências e expor as hipocrisias dos sistemas de dominação que atravessam o cotidiano e se camuflam de senso comum.

Em Freud (1905), a comicidade pode atuar enquanto um mecanismo de defesa diante das aflições inerentes à condição humana. Destarte, o satírico e o risível têm a capacidade de tornar mais palpáveis questões que normalmente seriam rejeitadas dos espaços sociais comuns por serem considerados tabus, estratégia esta que atua muitas vezes como forma de silenciar narrativas e denúncias das problemáticas que demarcam grupos socialmente marginalizados. Dentro dessa perspectiva, o riso está enraizado na

cultura, exercendo uma função social comunicativa que se insere tanto como forma de aproximação e pertencimento, como também uma maneira de representar e confrontar antagonismos e discriminações (DAL-SASSO, 2008).

Ao cômico cabe então a possibilidade de se configurar como instrumento político ao oportunizar o tensionamento de estruturas opressivas, expandido formas de perspectivar e atuar na realidade (FERREIRA, 2021, p.32). Ademais, se faz importante ressaltar a potencialidade da arte ao operar em diferentes formas de se subjetivar e construir subjetividades, sendo assim uma ferramenta que permite não apenas representar determinada realidade, mas também expandir a compreensão sobre a mesma, bem como aproximar encontros entre o diverso. De tal forma, a arte se relaciona com a realidade objetiva expandindo as diferentes maneiras de se estar no mundo e de compreender as vivências que a ocupam, além do seu caráter criativo na fomentação de estratégias de mudanças (DORNELAS, 2020).

Na tentativa de ampliar a compreensão sobre as capacidades dos instrumentos artísticos, ressaltamos que estes não se reduzem meramente a um resultado das contingências culturais, mas também se inserem como transformadores ao não se limitarem em acordos sociais normativos, resgatando assim as singularidades presentes em um determinado grupo e/ou espaço. Partindo dessas questões, encontramos nas artes e na comicidade a possibilidade de se perspectivar, reconhecer e identificar problemáticas presentes em um dado espaço sociopolítico, entendendo que a produção artística também se estabelece como uma ferramenta cultural de construção e reconstrução de subjetividades nas dimensões intrapessoal e interpessoal.

Diante disso, o trabalho em questão se estrutura a partir de uma imersão na obra cinematográfica “O Auto da Compadecida”, baseada na peça teatral de mesmo nome criada pelo escritor Ariano Suassuna, e na teorização do filósofo Mikhail Bakhtin acerca da carnavalização, no intuito de realizar uma aproximação entre o conceito teórico e o roteiro do filme. Dessa forma, nosso estudo objetiva identificar e analisar as denúncias sociais expostas na narrativa dos personagens da película, bem como compreender a reelaboração do sofrimento através da comicidade.

## **2 | O LUGAR DO “AUTO DA COMPADECIDA” NA CULTURA BRASILEIRA E O PROJETO ESTÉTICO DO MOVIMENTO ARMORIAL**

Apesar de termos eleito o filme como material de análise para o estudo em questão — dado o impacto nacional e maior acessibilidade à produção audiovisual por parte da população —, se faz importante entender a respeito dos pensamentos do autor da obra literária que embasa a película para compreender em que contexto se deu a sua criação. Dessa forma, em 1955 o escritor Ariano Vilar Suassuna lança a peça teatral chamada “Auto da Compadecida”, a qual virá a ser eternizada como sua grande obra-prima. Conhecido

como um dos maiores dramaturgos e escritores brasileiros, o paraibano Ariano Suassuna escreveu a obra em formato de auto e já dava indícios do que seria seu grande projeto estético desenvolvido posteriormente.

A peça trazia influência das tradições ibéricas medievais aludindo à um “resgate da herança cultural ibérico-brasileira presente nos rituais e festas populares religiosos ou profanos que remontam à tradição espetacular do teatro europeu medieval e moderno” (RABETTI, 2005, p.63) e que, através de um processo gradual de assimilação e transformação, foram se manifestando enquanto parte constituinte das expressões artísticas e culturais do Nordeste brasileiro. Ao se utilizar dessas influências e, ao mesmo tempo, ressaltar o seu regionalismo ao fundamentar suas histórias no contexto do sertão nordestino, Ariano já nos comunicava os elementos essenciais para o desenvolvimento de sua identidade artística, política e estética: o entrelaçamento entre a cultura erudita e a popular, e a incorporação da comicidade enquanto elemento essencial para a construção narrativa (RABETTI, 2005; TEIXEIRA & OLIVEIRA, 2017). Com isso, Ariano desenvolve o que será uma das histórias mais estimadas da dramaturgia brasileira, nos apresentando uma narrativa marcada pela seca, pela desigualdade social e pelo descaso governamental, porém também pelo elemento cômico, pela fantasia e pela coragem dos mais humildes.

A posteriori, surge o Movimento Armorial seguindo uma tradição de valorização da cultura e da identidade nacional que vinha se fortalecendo no meio artístico e intelectual pernambucano, emergindo em 1970 como um dos movimentos culturais mais importantes da contemporaneidade. Em resposta à influência cada vez maior da “cultura de massa” norte-americana, esse grupo de artistas e intelectuais recifenses se propuseram a desenvolver uma arte erudita com identidade decisivamente brasileira, tendo como base de inspiração o Brasil profundo e a cultura popular, com especial atenção ao sertão nordestino. (BRITO, 2005). Tendo Ariano Suassuna como seu principal representante, o Movimento Armorial abarcou diversas formas de manifestações artísticas como a tapeçaria, a xilogravura, a escultura, o teatro, a literatura e a música, com destaque para o Quinteto Armorial, grupo instrumental formado em Recife na década de 70 que uniam a arte erudita e as raízes populares nordestinas em suas composições.

Dessa forma, Ariano Suassuna não idealizou apenas um movimento artístico diverso, mas sim uma revolução cultural e estética que tensiona os limites entre a erudição e o popular, não só entrelaçando esses dois conceitos, mas principalmente negando a existência de uma hierarquia entre eles e desafiando aqueles que insistem em desmerecer a cultura popular brasileira para exaltar a suposta superioridade da cultura norte-americana e europeia. Observamos isso com o próprio nome escolhido, uma vez que Armorial faz referência aos brasões que distinguiam as famílias nobres durante a Idade Média na Europa, denotando o desejo de aproximação entre essas raízes que constituem o povo brasileiro para a criação de uma arte erudita fundamentada na cultura popular brasileira (PIRES, 2020).



Em suas aulas-espetáculo, Ariano Suassuna falava de temas diversos, mas o que sempre ficava evidente em suas explanações era seu profundo amor e respeito pelo povo brasileiro em sua diversidade, sobretudo seu senso de humor mesmo diante das diversidades do cotidiano. “O povo brasileiro é extraordinário”, disse ele em uma aula-espetáculo realizada no Sindicato de Professores de São Paulo em setembro de 2011, se referindo às anedotas e histórias jocosas criadas pelo povo. De acordo com Ariano, nossa vontade de rir e de fazer rir, além de nossa característica mais admirável, é nosso “superpoder” diante de nossa história tão marcada pela exploração e pela desigualdade. Citando Molière, dramaturgo francês e mestre da comédia satírica, Ariano nos diz que “Não existe tirania que resista a gargalhadas que lhe deem três voltas em torno” e explica que “é por isso que os tiranos temem os autores cômicos” (SUASSUNA, 2011).

### **3 I O CARNAVAL E A CARNAVALIZAÇÃO LITERÁRIA EM BAKHTIN**

Nascido em Moscou, o filósofo e crítico literário Mikhail Bakhtin, ao longo de sua vida conviveu com diferentes línguas e culturas, o que lhe possibilitou ter contato com diversas realidades, constituindo assim uma característica marcante em sua obra ao tratar de diferentes formas de compreensão de mundo (FIORIN, 2008, p.9). Ao formular sua tese de doutorado, Bakhtin abrange o conceito de carnavalização, já brevemente introduzido em sua obra “Problemas da Poética de Dostoievski” (1981), o qual se baseia nas manifestações presentes no carnaval medieval e renascentista, retratando esse evento festivo como uma fantasia de liberdade e inversão de hierarquias e, assim, transpondo esses elementos carnavalescos para a construção literária (SOERENSEN, 2011).

Em seus estudos, Bakhtin percebeu que durante o período festivo ocorria uma dissolução das identidades individuais através do uso de máscaras e fantasias, as quais proporcionavam que todos compartilhassem de uma posição de igualdade em meio a um sentimento comum de fazer parte do coletivo (SOERENSEN, 2011). Esse momento se constituía em uma alegre relativização da realidade capaz de destronar tudo que é elevado, rígido e imutável, tornando possível a transfiguração de figuras de poder e a quebra momentânea das relações hierárquicas. Dessa maneira, era possível o marginalizado apropriar-se do lugar de privilégio e se sentir capaz de ridicularizar as figuras de autoridade, se opondo ao sério, ao medo, à discriminação e ao dogmatismo das instituições de poder.

Durante as manifestações carnavalescas medievais, a atmosfera de fantasias e máscaras abria espaço para o povo se apropriar de lugares que lhes eram negados durante todo o ano e nas demais festas oficiais. Assim, Bakhtin define como características do ritual carnavalesco, a experiência de um momento utópico de liberdade, as suspensões das hierarquias e a dissolução de fronteiras possibilitando um contato mais familiar e coletivo entre as pessoas. O carnaval se constituiu como uma segunda vida do povo, exterior à Igreja e ao Estado - instituições marcadas fortemente pela hierarquia. Essa

inversão momentânea parodiava a vida cotidiana, as leis e os próprios costumes religiosos da época, em uma mistura entre vida real e arte, sério e cômico (GUERREIRO, 2019). O carnaval se torna, então, uma chance de revelar os aspectos mais profundos da realidade social, inclusive suas características mais perturbadoras.

A eliminação provisória das diferenças individuais durante as festividades, também tornou possível a criação de um vocabulário tipicamente carnavalesco em que a essência do espírito do carnaval se transportava para a língua falada, através do uso de obscenidades, injúrias e grosserias que, se mostravam ao mesmo tempo humilhantes e libertadoras, viabilizando assim, um nivelamento social e abolição de regras, estabelecendo diferentes possibilidades de convivência. (SOERENSEN, 2009). O riso foi um elemento muito importante para a unificação da diversidade das manifestações carnavalescas, por ser um facilitador da comunicação entre as pessoas, além de servir como instrumento de manifestação coletiva contra a seriedade e a repressão da cultura oficial e dos poderes, perpassando fronteiras e levantando denúncias sobre a vida cotidiana através da ridicularização de seus aspectos de dominação. Para Bakhtin (1999, p.77):

“a liberdade do riso, como qualquer outra liberdade, era evidentemente relativa; seu domínio se alargava ou diminuía alternadamente, mas não foi jamais interdita”

De tal maneira, o carnaval se expressa como uma oportunidade da própria vida ser representada sem restrições, como uma paródia da vida ordinária que reverte imposições e expõe realidades sem censura através do riso. Isto posto, os elementos carnavalescos não só tensionam o caráter compulsório das estruturas sociais dominantes, mas também rompem momentaneamente de forma singular com mecanismos de controle que atuam cotidianamente nas vivências de grupos sociais marginalizados.

Apesar de não se constituir como uma forma de apresentação teatral, Bakhtin (1999) considera que as manifestações carnavalescas atravessam esse universo artístico, transitando entre realidade e fantasia, sendo a própria vida real representada em elementos performáticos. Sendo assim, o autor russo procurou estender a análise do fenômeno para além das práticas populares, se voltando para a análise do uso da linguagem carnavalesca presente em obras literárias, atentando para as novas possibilidades de compreender as relações humanas ao trazer à tona as vivências represadas pelas supremacias sociais e ressaltando a representação de realidades que subvertem concepções hegemônicas.

Diante dessas questões, pretendemos fazer uma análise da obra “O Auto da Compadecida” de Ariano Suassuna à luz do conceito de carnavalização proposto por Bakhtin, em uma tentativa de relacionar seus principais elementos com a construção da obra em questão. Escolhemos trabalhar com esse conceito devido a importância de atentar para uma nova forma de compreensão de mundo, a qual abre visibilidade para o povo em posição menos privilegiada da sociedade e aborda a comicidade como forma de criticar os problemas sociais sustentados por estruturas rígidas de desigualdade. Partindo

disso, elegemos o filme baseado na obra de Ariano Suassuna para fazer um exercício de aproximação com o conceito de carnavalização, visando fomentar uma discussão acerca de como a película se utiliza do cômico para abordar grandes questões que atingem o nordeste brasileiro, como também ela consegue lançar-se no desafio de denunciar estruturas dominantes responsáveis pela manutenção dessas dificuldades.

## 4 | METODOLOGIA

No intuito de realizar uma imersão crítica em cima da película supracitada, visando levantar uma análise acerca da correlação entre a narrativa, os elementos carnavalescos presentes no roteiro e o conceito teórico de carnavalização, utilizamos o método da Análise Crítica de Discurso (ACD), posto que esta compreende as práticas discursivas de forma diretamente relacionada com as estruturas sócio-políticas vigentes em um determinado contexto (MAGALHÃES, 2001). Ao elegermos a ACD como método de análise, partimos do entendimento de que os discursos presentes nos diferentes meios de comunicação se desenvolvem de maneira inerente às práticas históricas, culturais, políticas e econômicas.

Partindo desse pressuposto, consideramos que as narrativas presentes nos instrumentos artísticos também são capazes de nos apresentar acerca das vivências que constituem uma determinada realidade. Assim, ao partirmos da ACD para estruturar uma análise do roteiro do filme “O Auto da Compadecida”, acreditamos ser possível trazer à tona as problemáticas sócio-políticas presentes no contexto do interior nordestino expostos na construção das narrativas apresentadas na produção cinematográfica em questão, bem como fundamentar nossa compreensão acerca desta como instrumento político.

## 5 | ANÁLISE

A obra de Ariano Suassuna, como supracitado, foi escrita em forma de auto, gênero que representa uma manifestação popular que tinha como objetivo abordar a vida dos santos e tratar de temas de cunho tanto religiosos quanto profanos. Nos autos, encontramos personagens que apresentam diversas características e atitudes essencialmente humanas, como a luxúria, a hipocrisia e a virtude (ATAÍDE, 2007). Suassuna, em sua genialidade, traz essa qualidade popular dos autos medievais e constrói uma história baseada na literatura de cordel, nas vivências dos mais humildes e na sátira das figuras de poder presentes na região do interior nordestino. Dessa forma, o filme, enquanto adaptação para o cinema, buscou trazer esses elementos presentes no texto para o audiovisual.

Lançada no ano 2000, a película traz a história de João Grilo e Chicó, dois homens pobres que ao longo da história se utilizam da esperteza e da trapaça para contornar as dificuldades do cotidiano e sobreviver às condições de misérias em que estão inseridos. Como elementos carnavalescos, os personagens apresentam o vocabulário fortemente marcado

e característico do povo do interior nordestino, além de trazer o recurso da ridicularização explorado em cima de personagens que representam as posições e instituições de domínio social como a Igreja e os grandes fazendeiros, figuras de autoridade presentes no contexto no qual o filme se baseia. Em diferentes momentos, há a presença de um rompimento diante às representações socialmente construídas dessas figuras de poder, ao expor as falsas idealizações em cima das hipocrisias e ganâncias desses personagens.

Logo no início da produção, temos presente os elementos do sagrado e da fé popular sendo exploradas em prol do lucro das figuras religiosas da região, representadas pelo padre e pelo bispo. A cena de abertura nos mostra o padre contando cobiçosamente o dinheiro levantado a partir da exibição do filme “A paixão de Cristo”, trazendo já nesse primeiro momento, a crítica ao enriquecimento de figuras religiosas em cima da fé alheia. A hipocrisia e a ganância por parte desses personagens voltam a ser expostas em demais momentos do longa, principalmente quando são solicitados por João Grilo a realizar o enterro da cachorra de Dora, esposa do padeiro da região. O padre acha o pedido um absurdo, porém prontamente aceita quando João Grilo o engana ao dizer que a cachorra pertencia ao Major Antônio Moraes, um poderoso fazendeiro. Para completar a cena, o padre fica ainda mais satisfeito quando João Grilo informa que a cachorra tinha um testamento em que deixava dinheiro para a Igreja. Dessa forma, vemos ser retratado de maneira cômica não só a hipocrisia e a ganância desses personagens, mas também sua subserviência diante de figuras de autoridade, evidenciando que suas ações se direcionam em acordo com os interesses dominantes, e não necessariamente em prol do povo e dos fiéis em consonância com a religião.

Posteriormente, somos apresentados a dois personagens fundamentais para a trama: Dora, a esposa adúltera, e Eurico, o padeiro. Nesse casamento marcado pela traição, podemos observar a ridicularização do ideal de “cabra macho”, uma vez que durante toda a obra, Dorinha em suas relações extraconjugais, se coloca sempre um passo à frente do marido, ao mesmo tempo em que o Padeiro é um personagem que, por mais que sempre esteja tentando se reafirmar no modelo de masculinidade hegemônico pautada na dominação e na coragem, constantemente acaba sendo colocado em um lugar de submissão diante da esposa. Além disso, na dinâmica do casal, também temos a ideia de santidade do casamento sendo satirizada. Podemos observar essa questão em uma cena em que o padre, ao tentar intervir na relação, adverte Dora: “lembre-se: o casamento é uma invenção de Deus!”, sendo rebatido por João Grilo: “só que o Diabo acrescentou o chifre”.

Ainda a respeito da ideia de “cabra macho”, esse padrão de masculinidade também é satirizado por outras figuras masculinas ao longo da narrativa como Vicentão, o valentão da cidade e o Cabo Setenta, o militar. Em um certo momento da obra, ambos são desafiados por Chicó para um duelo em frente à Igreja, com o objetivo de impressionar Rosinha, filha do poderoso fazendeiro Major Antônio Moraes. Depois de muitas provocações e ameaças, quando chega o momento do confronto, o valentão e o militar acabam fugindo do duelo por

medo. No desfecho da cena, Chicó, apesar de ser assumidamente covarde, é tido como o vencedor do confronto, enquanto os dois personagens considerados os mais “cabras machos” da cidade, se omitem da briga. Os cenários citados salientam, não só uma representação cômica e satírica dessa visão de masculinidade, mas também a inversão das relações de poder que estão dentro das expectativas sociais.

Ademais, destaca-se também a relação patrão-empregado, sendo o patrão representado nas figuras de Eurico e Dora e o empregado nas figuras de João Grilo e Chicó. O personagem do padeiro espelha a imagem da pequena burguesia que explora a classe trabalhadora os colocando em condições subumanas de sobrevivência para acumular capital. Isso fica evidenciado nas cenas em que João Grilo se queixa: “três dias eu passei em cima de uma cama com febre e nem um copo d’água me mandaram!” denunciando sua situação de marginalização e o descaso dos patrões. Dessa forma, João Grilo, se utilizando de sua esperteza para contornar os abusos dos patrões, aproveita-se da ganância cega de Eurico e Dora ao vender a eles um gato que “descome dinheiro”, deixando evidente a enganação ao expressar para Chicó: “Pra uma pessoa cuja única fraqueza é bicho e dinheiro, não vejo nada melhor que um bicho que descome dinheiro”. Com essa cena, observamos o uso do humor carnavalesco através da utilização de um elemento tão grotesco quanto um gato que “descome dinheiro”, com o objetivo de ridicularizar e escancarar a tamanha ganância dos patrões que caem na artimanha de João Grilo.

Se faz importante ainda ressaltar o uso da imagem dos cangaceiros, – vistos como consequência das dificuldades e desigualdades enfrentadas no sertão –, o que se insere uma crítica latente ao descaso com o povo dessa região, sendo colocados em lugar de desafio às autoridades que sustentam essas estruturas de violações. Na história, a presença desses personagens será necessária para o desenrolar da cena final de julgamento, após as mortes causadas pela invasão dos cangaceiros à cidade. Como uma forma de inversão de valores, característica forte da carnavalização, o julgamento dos personagens principais - João Grilo, Dora, o Padeiro, o Padre, o Bispo e o Cangaceiro - é realizado ao colocar todos em posição de igualdade e determinar a sentença a partir dos pesos de seus pecados.

Ainda no desenrolar do julgamento, a cena traz Jesus como um homem negro, rompendo com a estética imaginária construída de Cristo como homem branco, característica padrão dos indivíduos dominantes na sociedade, além de também impactar com as falas da Compadecida que fazem alusão à realidade enfrentada no interior nordestino. Dentre essas falas, a personagem destaca a esperteza do João Grilo como arma para combater sua pobreza, a subserviência da igreja com os ricos e descaso com os pobres, trazendo para o cômico a possibilidade do mesmo em atuar como um recurso de enfrentamento e reelaboração das condições de sofrimento. Em contrapartida, o diabo se insere como uma figura representante do punitivismo social, de caráter repressivo e simplista, desconsiderando os contextos que perpassam as ações dos personagens. Frente a isso, a Compadecida enquanto símbolo de compaixão e compreensão, leva em

consideração as complexidades que atuam e demarcam as nossas possibilidades de ser. Nessa perspectiva, a personagem concede também o perdão ao cangaceiro Severino, entendendo que suas ações e pecados foram consequências das diversas violências e violações que atravessaram a sua história.

## 6 | CONCLUSÃO

Nesse exercício de aproximação, observamos que a relação entre a película baseada na obra de Ariano Suassuna e o conceito bakhtiniano de carnavalização, se faz presente na exploração do cômico como forma de desestruturar relações hierárquicas e denunciar as desigualdades sociais, na medida em que ambos se utilizam da satirização para denunciar e expor a realidade. Destarte, o riso, tanto na obra quanto no conceito, são meios para expressar vivências e tensionar violações normatizadas, atuando assim como um instrumento de caráter subversivo. Partindo disso, ressaltamos a relevância do conceito bakhtiniano em viabilizar as diversas formas de compreensão e relações de sujeitos que estão colocados à margem da sociedade, ressaltando também os recursos que estão presentes nesses grupos sociais como possibilidades de estratégia política.

Ao nos debruçarmos sobre a análise, ainda se faz evidente a potencialidade da obra em perspectivar as problemáticas vivenciadas dentro dessa realidade, de forma a trabalhar tais questões ampliando o reconhecimento e a legitimação dessas demandas sociais aos olhos do grande público em território nacional. De tal forma, o instrumento artístico abordado ao longo deste trabalho, ressalta as possibilidades que são inerentes à arte em sua capacidade de expandir vivências, ao não reduzir o contexto abordado como algo passivo diante das diferentes estruturas socioeconômicas que sustentam as dificuldades expostas, trazendo para os seus protagonistas a capacidade de contornar os desafios. Tal questão se explicita na marcante fala entoada pela Compadecida “A esperteza é a coragem do pobre”.

Ademais, foi possível evidenciar na obra cinematográfica os elementos carnavalescos ao se utilizar do humor, do grotesco, do sagrado e do profano como estratégias para contornar as dificuldades impostas pelas circunstâncias sociais apresentadas na narrativa. Destarte, a obra utiliza da comicidade como forma de lidar com o pesar das vivências, sem apagá-las em sua tragicidade, atuando enquanto ferramenta que possibilita desenvolver uma reelaboração do sofrimento, dando para este um sentido impulsionador que possibilita não só existir, mas também resistir ao utilizar do cômico como instrumento político de tensionamento, denúncia e transformação.

## REFERÊNCIAS

ATAÍDE, S. R. **A Irreverência Social nas Obras Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente, e o Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna.** *Psicanálise & Barroco Em Revista*, v. 5, n. 1, p. 87–95, 2007.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: 14 Forense Universitária, 1981.

BAKHTIN, M. M. **A cultura popular da Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRITO, A. P. L. **Ariano Suassuna e o movimento armorial: cultura brasileira no regime militar, 1969-1981**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2005.

CANCLINI, N. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

DAL-SASSO, S. M. **O humor e a ironia no Auto da Compadecida**. Muriaé, MG: Revista Científica da Faminas, v.4, n.2, p. 97-112, 2008.

DORNELA, R. U. **Entre o real e o imaginário: a ficção literária como apreensão do mundo**. Rio de Janeiro, RJ: Palimpsesto, v. 19, n. 33, p.108 - 121, 2020.

FARACO, C. A. **Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares**. Porto Alegre: Letras de Hoje, v. 46, n. 1, p. 21-26, 2011

FERREIRA, A. L. R. **O riso na luta: comicidade, política e transgressão**. Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, c. 1, 2021.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. In:Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira, v.7, 1905.

GUERREIRO, A. S. **A carnavalização no cinema: uma abordagem a partir do ideário bakhtiniano**. Revista Interamericana de Comunicação Midiática, v. 18, n. 38, p. 153-171, 2019.

MAGALHÃES, C. M. **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG. c. 1, p.15-30. 2001.

MIRANDA, D. **Carnavalização e a multidimensionalidade cultural**. São Paulo, SP: Revista Sociologia, 1997.

PIRES, C. **Breves notas sobre o Movimento Armorial**. Rio de Janeiro: LUGAR COMUM, n. 59, 2020.

RABETTI, B. **Teatro e comidades: estudos sobre Ariano Suassuna e outros ensaios**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2005.

SOERENSEN, C. **A profusão temática em Mikhail Bakhtin: dialogismo, polifonia e carnavalização**. Revista Travessias, v. 3, n. 1, 2009.

SOERENSEN, C. **A carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin**. Revista Travessias, v. 5, n. 1, 2011.

SUASSUNA, A. Raízes Populares da Cultura Brasileira. In: **AULA-ESPETÁCULO: SINPROSP**, 2011, São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mtQZ-YkaQS4>>. Acesso em: 6 nov. 2020

TEIXEIRA, J. N.; OLIVEIRA, P. C. **Movimento Armorial: A dualidade entre o erudito e o popular**. Revista de Literatura, História e Memória, v. 13, n. 22, p. 163–174, 2017.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abuso sexual 50, 54, 57, 58, 60, 61

Adolescentes 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 71, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 102, 108, 183

Auto da Compadecida 1, 2, 3, 4, 7, 8, 11, 12

Autoestima 89, 91, 92, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110

### B

Bibliometria 14, 16, 17, 19, 23, 24, 25

### C

Carnavalização 1, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 12

Comicidade 1, 3, 4, 5, 7, 11, 12

Contextos externos 89, 107

COVID-19 35, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 55, 56, 59, 62, 63, 64, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 81, 83, 84, 85, 87, 161, 177

Cultura 2, 4, 5, 7, 12, 13, 35, 49, 57, 89, 90, 91, 102, 103, 107, 108, 109, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 130, 133, 158, 161, 192, 206, 216

### D

Decolonial 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24

Deslocamento 68, 111, 117, 206

DSM-V 196, 197, 199, 203, 206

### E

Educação formal 156, 171

Educação informal 156

Educação não formal 156

Envelhecimento 122, 124, 125, 132, 133, 136, 137

Equipe de contabilidade 185, 186, 187, 193

Espiritualidade 86, 174, 176, 183, 184

Estado 6, 15, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 51, 53, 55, 57, 61, 62, 65, 66, 70, 72, 91, 93, 94, 116, 123, 124, 136, 140, 145, 146, 147, 148, 150, 153, 156, 160, 164, 168, 169, 177, 200, 202

### F

Feminismo decolonial 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

Fenomenologia 85, 174, 184

## I

Identidade 5, 29, 91, 97, 102, 109, 117, 122, 127, 129, 131, 136, 151, 152, 153, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 178, 181, 182, 198, 207

Idosos 40, 65, 102, 108, 110, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137

Instituições de longa permanência 122, 123, 124, 125, 126, 129, 131, 134, 135, 136, 137

Intervenção 39, 42, 57, 107, 138, 142, 146, 149, 179, 212

Isolamento social 38, 39, 45, 54, 55, 56, 58, 59, 63, 65, 71, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 87, 88, 106, 126, 134

## K

Kurt Lewin 26, 27, 28, 29, 31, 34

## L

Lazer 36, 52, 57, 68, 76, 77, 81, 86, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 132, 136

Liderança 26, 31, 32, 185, 193

## M

Manifestações 1, 5, 6, 7, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 34, 58, 91, 175

Moradia 36, 122, 123, 125, 135, 137, 164

Morte 35, 40, 44, 45, 46, 47, 51, 53, 64, 75, 82, 85, 100, 124, 129, 130, 137, 139

Mulher afrodescendente 89, 92, 97, 106, 107, 109

## N

Necroliberalismo 42

Necropolítica 35, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 46, 48, 49

## P

Pandemia 35, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 55, 56, 57, 59, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 161, 177, 193, 200, 214

Personalidade 29, 33, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195

Poder popular 26, 28

Práticas cotidianas 156, 170

Prisões 126, 130, 136, 138, 140, 144, 146, 147, 150

## R

Refugiados 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121

Reintegração social 111, 114, 120, 138, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

Religiosidade 152, 174, 176, 180, 182, 183, 184, 195

Resistência política 1

## **S**

Saúde emocional 62, 63, 64, 65, 66, 70, 71, 72

Saúde mental 32, 33, 62, 64, 65, 66, 69, 71, 72, 73, 75, 81, 84, 85, 124, 137, 140, 174, 175, 176, 177, 181, 182, 183, 187, 211, 212

Segurança pública 46, 55, 140, 150, 156, 172

Sistema prisional 138, 139, 141, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

Soberania 15, 27, 35, 36, 37, 40, 47

Sociologia 12, 48, 150, 196, 197, 198, 207

## **T**

Teste palográfico 185, 186, 187, 189, 190, 191, 193, 195

Transtorno do Espectro Autista (TEA) 196, 197, 199

## **U**

Universitários 62, 63, 64, 65, 67, 69, 70, 71, 72, 73

## **V**

Vazio existencial 74, 75, 76, 80, 83, 84, 86

Velhice 122, 123, 124, 130, 131, 132, 133, 134, 136

Vida 3, 6, 7, 8, 15, 27, 32, 35, 36, 37, 38, 40, 42, 44, 45, 46, 47, 51, 53, 57, 63, 65, 66, 68, 71, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 95, 98, 102, 103, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 141, 147, 153, 156, 157, 159, 160, 162, 163, 164, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 177, 187, 190, 194, 196, 197, 198, 201, 202, 208, 209, 213, 214

Violência contra crianças e adolescentes 50, 52, 53, 57, 59

Violência sexual infantil 50, 61

# A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

2



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

# A psicologia no Brasil:

## Teoria e pesquisa

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

2



**Atena**  
Editora  
Ano 2022